



CURSO DE ADAPTAÇÃO

COLÉGIO N. S. AUXILIADORA

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Penna

Turma Ano N.º

Vitória, 24 de Fevereiro de 1934

Prova escrita do exame de H. do Brazil
(Disciplina)

Ponto sorteado n.

Prova de H. do Brazil

Questões formuladas:

Primeiro governador geral do Brazil

1ª Qual foi o 1.º governador do Brazil e quando tomou posse do seu cargo?

2ª Qual foi o ponto do Brazil escolhido para sede do governo e o nome da cidade ali fundada?

3ª Falar sobre os principais trabalhos do 1.º governador?

ARTIGO

MISAEI FERREIRA PENNA E OS FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA NO ESPÍRITO SANTO DO FINAL DO SÉCULO XIX

Julio Cesar Bentivoglio

Professor Adjunto de Teoria da História na Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisador vinculado ao CEO-PRONEX RJ, ao LAB-TEO USP, além de coordenador do LETHIS-UFES. Embaixador da International Network for Theory of History.

Bruno César Nascimento

Doutorando em História pelo programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista CAPES.

Resumo

Este artigo analisa a trajetória de Misael Penna e sua contribuição para o estudo da história do Espírito Santo, por meio da redação de sua obra *História da Província do Espírito Santo de 1878*. No cruzamento entre esforço biográfico, história intelectual e história da historiografia ele pretende analisar o papel e a importância do autor e de seus escritos na construção da história capixaba durante o Império.

Palavras-chaves: Biografia; História do Espírito Santo; Misael Penna; século XIX.

Absctract

This article analyzes the trajectory of Misael Penna and her contribution to the study of the history of Espírito Santo through the writing of her *Historia da Provincia do Espírito Santo in 1878*. At the intersection between biographical effort, intellectual history and history of historiography it intends to analyze the role and importance of the author and his writings in the construction of the capixaba history during the Brazilian Empire.

Keywords: Biography; History of Espírito Santo; Misael Penna; 19th Century.

Não existe tarefa mais difícil que realizar estudos biográficos. Consenso entre os praticantes deste gênero, um dos mais antigos no rol dos estudos históricos, a realização de uma biografia é sempre um exercício exaustivo de procurar a proporção e a harmonia necessária. Deve-se evitar imagens extremadas, sejam elas laudatórias demais, com críticas em excesso ou com o personagem biografado. Ao mesmo tempo, como qualquer texto ou narrativa, um perfil sobre determinados atores históricos, jamais serão capazes de fazer justiça ao construir uma imagem ou uma representação perfeita daquilo que foram, viveram ou fizeram. Pierre Bourdieu examinou essa questão ao revelar que a escrita de biografias é sempre uma tentativa de dar coerência a uma trajetória individual. Elas são sempre organizadas acompanhando cronologicamente a vida do biografado e tentam sempre apresentar seu pensamento e seu legado em termos de completude, de totalidade. Para aquele sociólogo francês,

o nome próprio é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente re-

conhecida de totalizar essas manifestações com registros oficiais, *curriculum vitae*, *cursus honorum*, ficha judicial ou necrologia, que constituem a vida na totalidade finita, pelo veredicto dado sobre um balanço provisório ou definitivo. (BOURDIEU, 1996, P. 187)

De gênero consagrado na Antiguidade, passando por sua crítica por parte de uma historiografia científica que emerge no final do século XIX e se torna hegemônica durante o século XX, as biografias deixaram de ser um campo de atividade de boa parte dos historiadores, sendo praticada, em particular no Brasil, sobretudo por jornalistas. Esse refluxo do gênero por parte da atividade de historiadores deveu-se, nas palavras de Alexandre Avelar

A possibilidade de uma individualidade fixa, unitária e coerente parece então se perderem em meio a uma pluralidade de identidades, referências, locais. Os indivíduos não podem mais ser enquadrados em esquemas conceituais definidos e em marcos teóricos pré-estabelecidos. Os vários aspectos de uma vida não são suscetíveis a uma narração linear, não se esgotam numa única representação, na ideia de uma formulação identitária exclusiva. Ao construírem

biografias, os historiadores devem estar atentos aos perigos de formatar seus personagens e de induzir o leitor à expectativa ingênua de estar sendo apresentados a uma vida marcada por regularidades, repetições e permanências. (AVELAR, 2015, p. 129)

É usual encontrarmos biografias sobre personagens célebres ou famosos, tendo em vista o interesse e a curiosidade que sempre existiram em conhecer aspectos de sua vida, não por acaso o gênero responde por um dos maiores contingentes de vendas de livros no Brasil e no exterior, dando ensejo a que praticamente todas as grandes editoras tenham em seu catálogo uma ou dezenas de biografias. Não muito comuns são os estudos que tratam de pessoas menos conhecidas ou lembradas. O que não significa que tenham sido menos importantes para sua família, seu grupo ou sua comunidade, ou ainda que sua trajetória não possa iluminar o pensamento e a cultura maior de uma determinada época, como foi o caso do clássico livro de Carlo Ginzburg (1989) sobre o moleiro de Friuli. Neste breve artigo serão examinados alguns aspectos biográficos da trajetória de Misael Ferreira Pena, procurando fazer justiça ao papel e à importância que sua figura desempenhou junto aos círculos letrados e intelectuais capixabas no início do século XX e enquadrando-o nos horizontes da temporalidade de sua época por meio da análise de sua obra *História da província do Espírito Santo (1878)*.

A vida de Misael Penna coincide com um momento de inflexão da história mundial, brasileira e capixaba. Sua maturidade, vivida nos anos de 1870 em diante marcaram profundamente o quadro político no Brasil. Ele testemunhou o lançamento do Manifesto Republicano de 1870, assinado e coordenado por Quintino Bocaiúva e Joaquim Saldanha, que abalou de maneira vigorosa as estruturas monárquicas no Brasil, convencendo-se essa data como o primeiro passo definitivo rumo ao fim da Monarquia. Nesse mesmo ano encerrou-se a famigerada Guerra do Paraguai, evento considerado um dos estopins

para o fortalecimento das críticas a Dom Pedro II. Também se verificou a ampliação do movimento abolicionista na Corte e em outras capitais de províncias no Império. Conjuntura tão rica e emblemática teria sido responsável pela conformação de um pensamento novo, uma verdadeira transformação que abriu novas possibilidades no campo político e social, referendando um processo de transformação em curso, nas ideias e nas sociabilidades, conforme apontou Ângela Alonso (2002).

Enfim, a década de 1870 foi marcante para a história brasileira. Além dos eventos já citados, ainda existiram outros episódios não menos importantes. Crescia a tensão em torno da disputa política e religiosa referente à prerrogativa do imperador de nomear bispos e a ação de alguns deles acompanhando Pio IX de retaliar a presença de maçons na Igreja, que ficou conhecida como Questão Religiosa, ocorreu a assinatura da Lei do Ventre Livre, realizou-se o primeiro censo demográfico brasileiro, surgiu o Partido Republicano Paulista, além de ter ocorrido a criação da Escola de Minas de Ouro Preto (atual Universidade Federal de Ouro Preto). Mas não foi uma década menos marcante no mundo, que vivia efervescentes transformações. Seguiu curso irreversível tanto a Unificação Italiana quanto a Unificação Alemã; ocorreu a assinatura do Tratado de Versalhes, pondo fim à Guerra Franco-Prussiana em 1871, mesmo ano em que ocorreu a Comuna de Paris; e o neo-colonialismo é afirmado com o Tratado de Berlim².

Misael Ferreira Pena nasceu em 1848, mesmo ano em que a Europa viveu a *primavera dos povos*, quando diversos movimentos revolucionários ganharam as ruas em Paris, Frankfurt, Berlim, Bruxelas e outras, criticando a censura, a perseguição política e a austeridade jurídica que procurava preservar o *status*

¹ Cf. NEVES, Maria Lúcia P. Bastos F. das (org). O Império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

² Não seria ocioso sugerir a consagrada trilogia de HOBBSAWM, Eric J. A era do capital. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; HOBBSAWM, Eric J. A era das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991 e HOBBSAWM, Eric J. A era dos Impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



Figura 1. Misael Ferreira Penna. Fonte: Disponível em: <<https://www.geni.com/people/Misael-Penna/6000000043465606447>>. Acesso: 18 jul. 2017.

quo do Antigo Regime. E chegou à vida adulta naquela conjuntura da década de 1870. Se o quadro político e social que se desenhou nesse período foi extremamente conturbado, o campo das ciências e das artes não poderia ficar inerte a esse conturbado cenário. No Brasil daquele período surgiram aqueles que seriam denominados, posteriormente, de pré-moderistas. Escritores preocupados com o significativo “atraso” brasileiro, verificado em diversos quesitos e avaliações, defendendo a necessidade de uma remodelação nas práticas a fim de superar tal condição, imprimindo um projeto efetivo de modernização à nação brasileira³. De algum modo sua estética e temática absorvia as inovações científicas responsáveis pela formação dos saberes, como a História, a Antropologia, a Sociologia ou a Geografia, entre outras.

No caso da história em solo brasileiro, particularmente, ela se resumia a alguns poucos estudos históricos produzidos, sobretudo por autores estrangeiros⁴. Mas, a partir da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro presenciou-se uma renovação de suas práticas, visto que este órgão iniciou um

ambicioso projeto de integrar interessados e pesquisadores para produzir uma história para o Brasil⁵ a partir de 1838, sendo coroado em 1854 e 1857, com a publicação da *História Geral do Brasil*, por Francisco Adolfo Varnhagen, em dois volumes. Essa obra foi responsável por imprimir uma agenda de renovação radical no modo de se pesquisar, pensar e escrever a história da nação, com um olhar integrador orientado por extensa pesquisa documental⁶.

Varnhagen foi um divisor de águas metodológico nos estudos históricos brasileiros. Ao contrário daqueles que se dedicavam à pesquisa histórica antes e durante seu tempo e que tinham a *História magistra vitae* como guia, Varnhagen, futuro visconde de Porto Seguro, teria buscado na historiografia alemã, principalmente em Ranke, de acordo com Arno Wehling⁷, os novos aportes metodológicos necessários para o desenvolvimento da disciplina. Muito embora estudos mais recentes apontem direção diversa: a de que Varnhagen se inspirava na crítica documental francesa e seus reflexos em historiadores portugueses, cujo realismo narrativo teria sido a fonte decisiva que influenciou o ilustre historiador sorocabano⁸. De qualquer modo, as práticas historiográficas propostas pelo visconde de Porto Seguro somente não ecoam, na escrita da história no Brasil, anos mais tarde pelo seu alcance e teor inovadores.

Apesar de Varnhagen propor uma nova escrita da história para o Brasil que se tornaria modelar somente no final do século, os estilos antigos, retóricos e compilatórios seguiam predominando a orientar a escrita da história no Brasil. Mas em meio a este perfil

5 Esta é a tese fundamental de GUIMARÃES, Manoel L. Salgado Nação e civilização nos trópicos: O IHGB e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, n.1, v.1, 1988.

Tal como aponta CÉZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topoi*, v.8, n.15, 2007.

6 Tal como aponta CÉZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topoi*, v.8, n.15, 2007.

7 Cf. WEHLING, Arno. A invenção da história: estudos sobre o historicismo. Rio de Janeiro: IHGB, 1994.

8 Ver CÉZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topoi*, v.8, n.15, 2007.

mais tradicional, já havia se disseminado, graças aos esforços do IHGB, ao lado do culto dos fatos *históricos* (eventos de magnitude política, as efemérides) e das perspectivas mais totalizantes, um espírito de busca por fontes primárias, mediante a reprodução muitas vezes quase literal de atos ou documentos de caráter oficial; modelo de escrita enfaticamente questionado por Von Martius em 1849, em seu texto *Como se deve escrever a história do Brasil?* Nele, Martius realiza uma crítica contundente a esse modelo de escrita memorialista e de efemérides dizendo:

Sobre a forma que deve ter uma história do Brasil seja-me permitido comunicar algumas observações. As obras até o presente publicadas sobre as províncias, em separado, são de preço inestimável. Elas abundam em fatos importantes, esclarecem até com minuciosidade muitos acontecimentos; contudo não satisfazem ainda as exigências da verdadeira historiografia, porque se ressentem de mais de certo espírito de crônicas. Um grande número de fatos e circunstâncias insignificantes, que com monotonia se repetem, e a relação minuciosa até o excesso de acontecimentos que se desvaneceram sem deixarem vestígios históricos, tudo isso, recebido em uma obra histórica, há-de prejudicar o interesse da narração e confundir o juízo claro do leitor sobre o essencial da relação. O que avultará repetir-se o que cada governador fez ou deixou de fazer na sua província, ou relacionar fatos de nenhuma importância histórica, que se referem à administração de cidades, municípios ou bispados, &; ou uma escrupulosa acumulação de citações e autos que nada provam, e cuja autenticidade histórica é por vezes duvidosa? – tudo isso deverá, segundo a minha opinião, ficar excluído. (*apud* RODRIGUES, 1956, p. 454-5)

Apesar das propostas de renovação e das fortes críticas construídas ao modelo tradicional de história desde a criação do IHGB, que visava dar a esse saber um sentido prático e útil, muitas narrativas seguiram

esse modelo factual e compilatório. E na província do Espírito Santo, o quadro não era muito diferente ao longo do século XIX. Contudo, o cenário atomizado, marcado por estudos pontuais cederia lugar a um movimento de integração e orientação disciplinar da história, procurando dar ao passado capixaba uma identidade e um sentido, por meio da criação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, a partir de 1916.

Diversas obras discorrendo sobre a história do Espírito Santo surgiram ao longo do século XIX. Entre elas estão: *Ensaio sobre a História e estatística da Província do Espírito Santo* (1858) de José Marcellino Pereira de Vasconcelos; *Memórias históricas e documentadas da Província do Espírito Santo* (1861) sob a autoria de Braz Rubim; a canônica efeméride capixaba *Província do Espírito Santo* (1879) de Basílio Carvalho Daemon; e por fim a *História da Província do Espírito Santo* (1878) de Misael Penna, este último, objeto deste breve ensaio.

Misael Ferreira Penna ou somente Misael Penna pode ser caracterizado como um típico intelectual brasileiro do século XIX. Advogado, escritor e político, preencheu perfeitamente os requisitos exigidos daqueles que granjeavam para si o reconhecimento como *historiador* naquele Brasil dos bacharéis, ou ainda dos homens de letras, conforme os dizeres da época, hábeis em manuseá-las, seja nas tribunas da política ou do Direito, seja na imprensa periódica. Ele acompanha a trajetória de muitos personagens semelhantes que, tendo formação jurídica, enveredam-se no universo da política e no estudo da História pátria ou regional.

Integrante de uma elite cultural e política que ocupava postos de decisão e administração, Misael Penna realizou, com desenvoltura, seu papel de importante ator histórico, mas também de importante intérprete da história, em solo capixaba. Em outras palavras, embora oriundo de Santo Antônio do Amparo, interior da província de Minas Gerais, Misael Penna deu contribuição decisiva aos estudos sobre o passado do Espírito Santo e não de sua terra natal, produzindo um pequeno opúsculo original de síntese,

3 Mais a respeito ver BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1989 e CANDIDO, Antonio. Formação social da literatura brasileira. São Paulo: Publifolha, 1990.

4 Por exemplo, ARMITAGE, João. História do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1977; HANDELMANN, Friedrich. História do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1978 e SOUTHEY, R.. History of Brazil. London: Longman, 1810-9. 3v.

enquanto atuava, jurídica e politicamente, em questões que se colocavam a sociedade capixaba nos idos dos anos de 1870.

Filho de Misael Ferreira de Paiva e de Matilde Carolina de Jesus, Misael Penna, nasceu em 23 de março de 1848 em Minas Gerais. Dois anos depois, em 1850 sua família se estabeleceu no Espírito Santo, mais precisamente na cidade de Alegre, onde seu pai adquiriu uma fazenda e com ela amealhou relativa riqueza. Em 1866 transferiu-se para a cidade de São Paulo, onde se graduou em Direito no célebre Largo de São Francisco; tendo, quatro anos depois, retornado a Alegre. Em seguida, ingressou na magistratura, atuando como juiz ordinário eleito e, em seguida, como juiz de órfãos. Também atuou no Poder Legislativo estadual, exercendo o cargo de deputado provincial entre os anos de 1874 e 1876⁹. Além de advogado, magistrado e político, exerceu a profissão de jornalista em diversos periódicos no Espírito Santo e no Rio de Janeiro.

Foi também comerciante inscrito na Junta Comercial daquela província, atuando no ramo de compra e venda de café. Foi proprietário da fazenda denominada Itapocú, na freguesia de São José do Queimado, a qual reunia um expressivo plantel de escravos¹⁰. Apesar de sua acelerada e entusiasmada carreira, Misael Penna suicidou-se na cidade do Rio de Janeiro, para onde havia se transferido, em 1878, onde vinha atuando como advogado e comerciante, com seu escritório localizado na Rua do Hospício, número 98, atual Buenos Aires. Contava com apenas 33 anos de idade quando tirou a própria vida, no dia 19 de outubro de 1881.

Pouco se sabe de sua obra completa, no entanto, dos elementos de sua produção que são conhecidos,

dá-se maior destaque aos seguintes escritos: *Reforma Judiciária* (1871); *Discurso proferido na Libertadora Primeiro de Janeiro*: em prol dos escravos (1874); *Discurso proferido na Assembléia Provincial*: em favor da moção ao Gabinete de 7 de março (1873); *Conferência nas escolas da Glória*: Presente e Futuro do Espírito Santo (1874), e *História da província do Espírito Santo* (1878)¹¹. Foi esse último trabalho que lhe auferiu maior destaque, tornando-se sua obra mais conhecida e citada. Em algumas de suas contribuições para a imprensa de Vitória utilizou o pseudônimo de Philemon para escrever duas sátiras, intituladas *Capitão Azáfama* sob a forma de poemas, e *Livro Negro*, redigido em prosa.

No Rio de Janeiro foi um colaborador do jornal *Conferências Populares* redigido por intelectuais, professores, políticos e homens de letras da Freguesia da Glória, dirigido por Manoel Francisco Correia. No Espírito Santo, colaborou com o *Espírito Santense*, jornal dirigido por Basílio Daemon, seu amigo e também historiador. Provavelmente dessa amizade tenha surgido o interesse pela história capixaba. Nele eram publicadas suas notícias e decisões, como no exemplo abaixo:

Faço saber aos que o presente edital virem, que tendo-se concluído os trabalhos da Junta Classificadora de Escravos que tem de ser libertados pelo fundo de emancipação deste município, fica marcado o prazo de trinta dias, contados desta data, para receber-se neste juízo as reclamações dos que se considerarem prejudicados pela mesma classificação. (ESPÍRITO SANTENSE, 23 de abril de 1874, p. 4)

O jornal carioca *A Nação*, por seu turno concedeu destaque para a fala de Misael Penna proferida a 2 de maio de 1873, em reunião extraordinária da Assembleia Provincial do Espírito Santo. Nela percebemos alguns traços significativos de sua personalidade, posicionamento político e convicções ideológicas. Diz ele:

¹¹ Disponível em < <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/praca-misael-pena-ex-praca-do-quartel-.html>>. Acesso em 18 jul. 2017.

Sou conservador, Sr. Presidente; franca e lealmente conservador. Pertencço a esse illustre partido que, buscando as suas gloriosas tradições nos primeiros tempos da monarchia brasileira, trabalha no presente pra a constituição da ordem da pátria, pertencço a essa respeitável escola política, que tão luminosos traços tem deixado na nossa história governamental e que, amando sinceramente a este abençoado torrão de Santa Cruz tem se esforçado para reconstruí-lo sob os sólidos fundamentos da liberdade, firmada de harmonia com a autoridade, a mais segura garantia da ordem pública.

E prossegue:

Sem pertencer, Sr. Presidente, ao credo liberal, eu confesso, porém, que amo de coração a liberdade, que devoto-me a esse grandioso princípio, porque vejo nele a manifestação espontânea dos sentimentos e das idéias do homem, porque vejo nele a mais santa e sublime faculdade com que o Creador do Universo poderia prender o rei da criação: a liberdade que é o princípio das civilizações modernas, o elemento primordial da organização social, a base da grandeza e prosperidade das nações, a lei da humanidade e o complemento da missão regeneradora deste século.

Sim meus senhores, porque a liberdade é para mim um symbolo mystico sublime: é o symbolo da emancipação, quando em 28 de setembro de 1871 ella quebrou as cadeias que cingião os punhos dos filhos da servidão. (...) Como conservador convencido que sou, eu devo dizer que não quero viver sob as agitações de uma liberdade anarchica, e nem tão pouco sob a serenidade de um despotismo fallaz. Não: eu quero a liberdade cercada de todas as garantias da autoridade: quero a autoridade rodeada de todas as condições da autoridade. (A NAÇÃO, 19 de junho de 1873, p. 3-4)

Discorrendo sob a liberdade em tempos de Abolicionismo, de forte agitação nas regiões onde

havia planteis de escravos, como era o caso do Espírito Santo, Misael Penna destacou sua posição política, nas fileiras do Partido Conservador, bem como seu receio face aos rumos que poderia tomar a libertação dos escravos. Simpático ao liberalismo, integrante das hostes saquaremas e integrante do Grande Oriente do Brasil, conforme indica boletim daquela loja maçônica, perfil semelhante a muitos de seus congêneres, representantes de uma elite letrada e jurídica que ocupava espaços importantes de poder e de decisão, Misael expressa a consciência histórica de seu tempo. Ou seja, era mais semelhante a seus contemporâneos que, exatamente, um inovador, seja no campo político, seja no campo dos estudos históricos.

Cumprir notar que, vez ou outra a autoridade dessa elite dirigente, da qual Misael Penna fazia parte, era contestada. Como no curioso episódio ocorrido em 13 de novembro de 1876, no qual, substituindo o juiz efetivo de Cachoeiro de Itapemirim, Misael Penna foi questionado pelo escrivão, Joaquim Lucas Correa do Espírito-Santo, que se recusou a redigir a lista de qualificação de votantes das paróquias de Alegre e Cachoeiro daquela comarca. Ao que, prontamente, o juiz emitiu voz de prisão. Apesar disso, o escrivão evadiu-se, tornando-se foragido (JORNAL DO COMÉRCIO, 1877, p. 5).

Outra contrariedade comum, típica dos anos da escravidão, dizia respeito à fuga de escravos. Não por acaso, Misael Penna também vai à barra dos tribunais para reivindicar seus direitos sobre escravos fugitivos de sua propriedade e que tinham sido vistos trabalhando em outra fazenda próxima:

como este fato, em si mesmo grave, afeta o exercício legal do direito de propriedade sobre os escravos; como de sua não repressão virá o desprestígio e desmoralização desse direito, que, baseado em lei, é reconhecidamente necessário para o desenvolvimento da lavoura deste País e da Província; como ainda succede que da falta de uma enérgica providência por parte da autoridade resultará para os

⁹ Mais a respeito em < <https://www.geni.com/people/Misael-Penna/6000000043465606447>>. Acesso em 18 jul. 2017 e < <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/praca-misael-pena-ex-praca-do-quartel-.html>>. Acesso em 18 jul. 2017.

¹⁰ Apesar de proferir um elegante discurso em prol da liberdade dos escravos, em 1874 – período que ocupava o cargo de deputado provincial –, é sabido que o Misael Penna era possuidor de um significativo número de cativos, fato que pode ser comprovado em inquéritos policiais da época.

demais escravos pernicioso exemplo, [...] o mesmo suplicante, denunciando a V. Exa. estes graves fatos, e chamando para elles a sua solícita atenção, atenta à probabilidade do perigo que pode ocasionar à tranqüilidade pública com o estabelecimento de quilombos. (APEES, Cx 669, 20.10.1876, Fl. 2)

Sobre a intimidade de Misael Penna, existem poucas notícias, apenas que fora casado com Anna Azevedo Pena, com quem teve três filhos Henriqueta Pena Lacourt, Misael Ferreira Penna Filho e Justina-no Ferreira Penna. Eles seguiram com ele para o Rio de Janeiro em 1875, como atesta a relação dos passageiros embarcados no paquete Ceres, que fazia a rota Rio de Janeiro – São Matheus, do dia 1º de fevereiro, levando ainda um escravo (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1875, p. 3).

E qual o lugar ocupado pela *História da província do Espírito Santo* de Misael Penna, no interior da historiografia capixaba? De pronto, é possível dizer que a escrita da história *no e sobre* o Espírito Santo acompanhava o estado da arte no restante do Brasil. Ela exibia traços de um regime de autonomia intelectual que preservava elementos compilatórios, ou seja, que reproduziam outros autores ou trechos de documentos que eram frequentemente compartilhados sem muito cuidado com a indicação das fontes ou citações utilizadas, que vez ou outra aparecem no texto. Misael Penna não se inclui no rol daqueles que, já em seu tempo, expressam um novo regime de autonomia, mais científico, afeito à crítica documental, que procurava acompanhar os avanços conhecidos na França, Alemanha e mesmo no Brasil, com Varnhagen¹². Seu tímido esforço nessa direção resultou apenas, da junção de vários documentos em anexo ao seu opúsculo, sem pretensão de estabelecer uma nova interpretação sobre eventos ou em relação à história do Espírito Santo como um todo.

O peso da tradição retórica e de um modelo de história marcado pelo caráter exemplar do passado são também visíveis na mais importante obra de Misael Penna¹³. Os documentos são incluídos sob uma glosa de acento memorialístico, no qual o autor alia a exposição de fatos e documentos ligeiríssimas impressões, não exatamente suas, mas reveladoras da paráfrase de impressões de outros autores e das fontes que utilizou na elaboração de sua narrativa. Nesse sentido, seu texto contém a poderosa influência da obra de Francisco A. Rubim (1817). De qualquer modo, em diferentes passagens, Misael Penna indica e reconhece sua dívida para com Francisco A. Varnhagen e Robert Southey, por exemplo.

Quando de seu lançamento, sobre a obra *História da Província do Espírito Santo*, o editor da *Revista Ilustrada*, Ângelo Agostini (1879, p. 2), diz ser essa obra “*um bello volume cheio de erudição*”, já Affonso Cláudio é duramente crítico ao volume de Misael Penna. Affonso Cláudio, em sua *História da Litteratura espirito-santense* (1912), afirma que Misael é o:

Quarto historiographo [capixaba e que], como é de prever, seguio a rota dos antecessores, tendo por consequencia muitos dos defeitos já apontados, quando estudei os trabalhos de Rubim, de Vasconcelos, de Daemon e outros. (CLÁUDIO, 1912, p. 246)

O erro residiria no balizamento da história em torno de datas significativas e em torno de personagens mais célebres. Em outras palavras, para Affonso Cláudio, Misael Penna continua a seguir os mesmos erros factuais de seus antecessores, muito embora, reconheça que Misael realiza um avanço significativo no que se refere à qualidade de sua exposição. Para Affonso Cláudio:

¹³ Ver também CARMO, Vânia. Reflexo do reflexo: nação, região e memória na historiografia capixaba do século XIX. In: Seminário Nacional de História da Historiografia – SBTHH, II, 2008, Mariana. Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. DA MATA, Sérgio Ricardo; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (org.). Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

Comparado o seu livro com os que tomou de modelo, levou-lhes vantagem na clareza da exposição, no aproveitamento discreto das informações, na concisão do escrever e na veracidade da indicação das fontes. (*Ibidem*, p. 247)

O fato é que, analisando essa obra referencial aos interessados na história do Espírito Santo e nas práticas historiográficas do século XIX, pode-se dizer que ela se constitui, fundamentalmente, como um dos livros inicialmente mais citados, ou seja, que trata de uma perspectiva integradora do passado remoto aos tempos mais recentes, pois ela inicia seu registro no ano de 1534 (ano da colonização da Capitania do Espírito Santo) e se estende até 1743, tentando assim, dar conta da história dessa terra. Ou seja, uma das melhores sínteses, até então produzidas a respeito da história do Espírito Santo.

O próprio Misael Penna avalia o estilo adotado para a elaboração de sua obra:

Destruídos muitos importantes documentos, que deviam estar conservados nos arquivos da província para a formação de sua história, empregamos grandes esforços para formar a narração de factos, que, sem vestígio algum, já estavam também apagados da memória pública.

Nesse empenho muito auxiliou-nos alguns trabalhos históricos, os quaes aqui indicamos, em homenagem a seus authores. Taes foram: *História Geral do Brazil* pelo Visconde de Porto Seguro; *História do Brazil* de R. Southey; *História do Brazil* por Abreu Lima; *Corographia Brasília* por Ayres do Casal; *Corographia Histórica* por Mello Moraes; *Orbe Serafico e Brasilico* por Frei Santa Maria Jaboatam; *Memórias Históricas e documentadas da Província do Espírito Santo* por Braz Rubim; *Ensaio sobre a História e Estatística da Província do Espírito Santo* por José Marcellino; *Notícia Histórica da Villa de Nova-Almeida* por José Maria Mercier; *Chronica da Companhia de Jesus* por Simão de Vasconcellos; *Nova Lusitania* por Brito Freyre; *Notícias sobre a Província do Espírito Santo* por Machado de

Oliveira; *Diccionario Histórico, descriptivo e geographico do Brazil* por Milliet de Saint Adolphe; *Revistas do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*; *Seminário*, Jornal de instrução publicado em Victória em 1858. Consultamos também alguns livros de registros antigos da Villa de Guarapary e da cidade de Victória, dos quaes extrahimos alguns preciosos documentos, que publicamos no Appendice dessa obra.

Reunindo os acontecimentos, que se achavam desordenadamente dispersos por todas essas obras, procuramos sujeital-os á uma narração chronológica e methodica, onde se podesse reconhecer o progressivo desenvolvimento da Província. (PENNA, 1878, p. 12-3)

Visando dar vazão a *toda* história do Espírito Santo, Misael, divide a obra em três partes: a primeira compreendendo o período de 1534 a 1718, abarcando o governo dos donatários; a segunda parte está focada nos anos de 1718 a 1822, ou seja, a era dos capitães-mores e governadores; e a terceira e ultima parte é composta por um apêndice, na verdade um anexo, com documentos resgatados pelo autor que seriam úteis para a compreensão do texto.¹⁴

História da Província do Espírito Santo explicita visivelmente o caráter factual marcado por um regime de historicidade mais tradicional – de perfil *magistra vitae* –, como se depreende da leitura de sua introdução, onde se lê:

Reunindo os acontecimentos, que se achavam desordenadamente dispersos por todas essas obras, procuramos sujeital-os á uma narração chronológica e methodica, onde se podesse reconhecer o progressivo desenvolvimento da Província. (PENNA, 1878, p. 13)

Em suas 140 páginas iniciais, o autor sintetiza boa parte da história capixaba a partir de literatura já

¹² Sobre os regimes de autonomia ver ARAÚJO, Valdeir L. de. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. *Varia História*, v.31, n.56, p.365-400, 2015.

¹⁴ Disponível em < <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/praca-misael-pena-ex-praca-do-quartel-.html>>. Acesso em 18 jul. 2017.

existente. As últimas 30 ou 40 páginas indicam dados administrativos, sem caráter analítico, limitando-se a descrever listas de pessoas e cargos ocupados. As citações em rodapé apresentam algumas dezenas de autores, mas não são exaustivas, pois, esses autores se repetem com alguma constância ao longo do texto, como exemplo Francisco Rubim. As últimas 74 páginas do livro, ou seja, 1/3 dele, trazem documentos importantes relacionados com a história do Espírito Santo, que de fato, tem reconhecido apreço de leitores e interessados no passado capixaba. De modo semelhante a Varnhagen esses textos revelam um traço específico daquela cultura historiográfica, no qual o documento é uma evidência, criando um efeito de realidade. Mas ao contrário de Varnhagen não há o mesmo ímpeto analítico de se extrair maiores informações ou de se produzir uma interpretação mais específica do passado. Ajuntá-los no final foi, de algum modo, um avanço, mas um pouco tímido no sentido de se produzir uma história mais original e mais crítica. Vivendo numa era de intensas transformações, o trabalho de Misael Penna expressa a sintonia com seu tempo, estando mais vinculada ao universo da tradição que da inovação, pelo menos do ponto de

vista historiográfico. Mas nem por isso deixa de ser uma obra cuja leitura é fundamental para todos os que pretendem conhecer a história capixaba.

Fontes

Manuscritas

Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Mandado de apreensão de escravos. Inquérito n.484, Caixa n.669, 20 de outubro de 1876.

Impressas

Hemeroteca da Biblioteca Nacional

A Nação, dia 19 de junho de 1873.

Diário do Rio de Janeiro, 2 fevereiro 1875.

Jornal do Comércio, 5 de janeiro de 1877, p.5.

Jornal do Comércio, 5 de janeiro de 1877.

PENNA, Misael Ferreira. História da Província do Espírito Santo. Rio de Janeiro: Typographia de Moreira, Maximino & C., 1878.

Bibliografia

AGOSTINI, Ângelo. *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, n. 139, 1879.

ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

ARAÚJO, Valdeir L. de. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. *Varia História*, v.31, n.56, p.365-400, 2015.

ARMITAGE, João. *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

AVELAR, Alexandre de Sá. Traçando destinos: desafios narrativos e éticos da biografia histórica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 466, p. 121 - 150, 2015.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Formação social da literatura brasileira*. São Paulo: Publifolha, 1990.

CARMO, Vânia. Reflexo do reflexo: nação, região e memória na historiografia capixaba do século XIX. In: Seminário Nacional de História da Historiografia – SBTHH, II, 2008, Mariana. *Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas*. DA MATA, Sérgio Ricardo; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (org.). Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

CÉZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topoi*, v.8, n.15, 2007.

CLAUDIO, Affonso. *História da literatura espírito-santense*. Porto: Oficinas do Comercio do Porto, 1912.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUIMARÃES, Manoel L. Salgado Nação e civilização nos trópicos: O IHGB e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, n.1, v.1, 1988.

HANDELMANN, Friedrich. *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MORRO DO MORENO. Praça Misael Pena (ex-praça do Quartel). Disponível em < <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/praca-misael-pena-ex-praca-do-quartel-.html>>. Acesso em 18 jul. 2017.

NEVES, Maria Lúcia P. Bastos F. das (org.). *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

RODRIGUES, José Honório. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista de História da América*, n. 42, 1956.

RUBIM, Francisco A. *Memórias para servir a história até o ano de 1817, e breve notícia estatística da Capitania do Espírito Santo...escrita em 1818*. Vitória: s.n, 1818.

SOUTHEY, R.. *History of Brazil*. London: Longman, 1810-9. 3v.

WEHLING, Arno. *A invenção da história: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro: IHGB, 1994.

Recebido em: 15.07.2017

Aprovado em: 12.08.2017

